

# A HERANÇA ÀS AVESSAS DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT: DA EPISTEMOLOGIA FRANCESA E DA ARQUEOLOGIA COMO *CONTRA*-FENOMENOLOGIAS

THE REVERSE INHERITANCE OF HUSSERL'S PHENOMENOLOGY  
IN MICHEL FOUCAULT'S THOUGHT: THE FRENCH  
EPISTEMOLOGY AND THE ARCHEOLOGY AS COUNTER-  
PHENOMENOLOGIES

*André Constantino Yazbek<sup>1</sup>*

**RESUMO:** a partir da introdução à edição estadunidense de *O normal e o patológico* de Georges Canguilhem, escrita por Michel Foucault em 1978, este artigo pretende mostrar que a fenomenologia de Husserl jamais deixou de ter um significado crucial para a arqueologia foucaultiana, no sentido de que a fenomenologia indicaria um dos mais sérios desafios para uma crítica contemporânea da racionalidade moderna. Assim, o autor pretende demonstrar que a oposição de Foucault à fenomenologia, que constitui uma das bases de seu método, depende em boa medida de sua particular leitura das relações entre a epistemologia francesa e o legado da fenomenologia husserliana.

**Palavras-chave:** fenomenologia husserliana, epistemologia francesa, arqueologia foucaultiana.

**ABSTRACT:** starting from the introduction to the North-American edition of Georges Canguilhem's *The normal and pathological*, written by Michel Foucault in 1978, this article aims at showing that the Husserl's phenomenology never ceased to bear a crucial significance for foucauldian archeology, in the sense that phenomenology indicates one of the most serious challenges for a contemporary critique of the modern rationality. Thus, the author intends to demonstrate that Foucault's opposition to the phenomenology, which forms one of the basis of his method, depends in large part on his particular reading of the relationships between French epistemology and the legacy of husserlian phenomenology.

**Key-words:** husserlian phenomenology, French epistemology, foucauldian archeology.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [andre.yazbek@yahoo.com.br](mailto:andre.yazbek@yahoo.com.br)

**Introdução:**  
**o motivo fenomenológico no pensamento de Michel Foucault.**

*o mais grave erro que se cometeria seria acreditar que eles*  
[Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Michel Foucault]  
*nos lançam em alguma variante do irracionalismo.*  
(Louis Althusser).

Todo leitor razoavelmente bem informado da obra de Michel Foucault conhece seu esforço para afastar-se da fenomenologia, a tal ponto que seu método arqueológico poderia ser compreendido como uma espécie de *contra-fenomenologia*. Assim, por exemplo, em seu ensaio “Foucault revoluciona a história”, Paul Veyne sublinha o advento do método foucaultiano em termos de uma resposta à voga fenomenológica característica dos anos que se seguiram à *Libération*.<sup>2</sup> Também Gérard Lebrun, referindo-se mais especificamente à última grande obra publicada por Edmund Husserl em vida, a *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1936), considera que a arqueologia das ciências humanas desenvolvida por Foucault em *As palavras e as coisas* (1966) poderia muito bem ser lida como uma espécie de “anti-Krisis”.<sup>3</sup> Ademais, em sua

---

<sup>2</sup> “O problema de Foucault [do ponto de vista do método] foi, talvez, o seguinte: como fazer mais do que uma filosofia da consciência sem, por isso, cair nas aporias do marxismo? Ou, inversamente, como escapar de uma filosofia do sujeito sem cair em uma filosofia do objeto? A fenomenologia não peca por ser um “idealismo”, mas por ser uma filosofia do *cogito*. /.../ O erro da fenomenologia não é o de não explicar as coisas, já que jamais teve a pretensão de explicá-las; seu erro é descrevê-las a partir da consciência, considerada como constituinte e não como constituída”. C.f. VEYNE, Paul. “Foucault révolutionne l’histoire”. In: *Comment on écrit l’histoire*. Paris: Seuil, 1978, p. 383.

<sup>3</sup> LEBRUN, Gérard. “Note sur la phénoménologie dans *Les mots et les choses*”. In: *Michel Foucault philosophe*. Paris: Seuil, 1989, p. 46. O artigo de Lebrun demarca a crítica da fenomenologia em *As palavras e as coisas*, a partir de sua interlocução com a *Krisis* de Husserl, do modo como se segue: 1) a fenomenologia não teria sido capaz de compreender a natureza do discurso clássico, posto que considera a idade clássica como sendo aquela de uma matematização da natureza, do ser (Galileu), ao passo que, para o Foucault da arqueologia das ciências humanas, a matematização da natureza é apenas *um aspecto* de uma forma de pensamento que encontra sua condição de possibilidade em uma ciência geral da ordem, ou *mathesis universalis* (não é o cálculo ou a medida, mas a série e a ordem que presidem o campo do saber clássico); 2) a fenomenologia não estaria à altura de fazer justiça à Kant, uma vez que Husserl atribuiu ao kantismo a perpetuação daquilo que ele denominara como sendo o “*erro do objetivismo*” (já presente no cartesianismo), em lugar de compreender que só se pode aquilatar a justa medida da revolução kantiana tendo-se em vista o fato de que ela teria promovido a definitiva dissipação da *mathesis* clássica; 3) a fenomenologia, por fim, acreditara ser a retomada de um antigo projeto, quando, a julgar pela arqueologia de *As palavras e as coisas*, não fôra senão uma “filha do seu tempo”, quer dizer: a.) sua condição de possibilidade ainda residiria na posição de recuo da filosofia diante das ciências objetivas, tal como o fôra a partir de Kant (o que acarretaria, para filosofia, a “nova função” de elucidar o implícito, evidenciar a “*naïveté*” sob todas as suas formas possíveis); b.) seu solo de inscrição, no campo histórico do saber, seria precisamente o das analíticas da finitude, ao qual pertence o tema transcendental (assim, a fenomenologia consistiria, para além de seu esforço de fundação, em uma tarefa vã de desvelamento que exigiria a

obra propriamente metodológica, *A Arqueologia do saber* (1969), o próprio Foucault, comentando a série de mal entendidos suscitados pela aplicação de seu método em obras anteriores, adverte o seu leitor de que tratava-se à época de “emancipar a história do pensamento de sua sujeição transcendental”, ou ainda, de livrá-la da “dominação fenomenológica”:

era necessário mostrar que a história do pensamento não podia ter o papel revelador do momento transcendental que a mecânica racional já não tem mais desde Kant, nem as idealidades matemáticas desde Husserl, nem as significações do mundo percebido desde Merleau-Ponty, – a despeito dos esforços que foram feitos para aí descobri-lo.<sup>4</sup>

Em última instância, portanto, a arqueologia poderia ser descrita como um reclame pela revogação das tentativas de reconstituição do saber absoluto depois de Kant, das quais a fenomenologia husserliana constituiria, com efeito, o exemplo mais recente; daí que a aplicação do método resulte na explicitação de uma “crise na qual estão comprometidas a reflexão transcendental”, a “temática da origem” e a da “promessa do retorno”, o “pensamento antropológico” e “– enfim e sobretudo – o *status do sujeito*”<sup>5</sup> (garantido, na fenomenologia, por meio da continuidade intencional do vivido).

E no entanto, e a despeito de seus esforços (ou talvez por isso mesmo), Guillaume Le Blanc não deixa de notar que a obra foucaultiana “se abre e se fecha sobre as *Investigações Lógicas* de Husserl” – ou sobre os problemas colocados pelo texto inaugural da fenomenologia husserliana –, presentes tanto na introdução que Foucault escreverá em 1954 para *Sonho e existência*, obra do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger, quanto “neste outro prefácio à tradução americana do livro de [Georges] Canguilhem, *O normal e o patológico*, de 1984”.<sup>6</sup> Ambos os textos, considera Le Blanc, ilustram o quanto o pensamento foucaultiano pode ser lido a partir da ambiência fenomenológica francesa e em que medida seu confronto com Husserl deságua, entre outras coisas, na tentativa de “situar a função da filosofia especificando-a como uma atividade cultural contextualizada”<sup>7</sup> de diagnóstico do presente de nossa cultura filosófica.

---

implicação recorrente do transcendental no empírico). Mais adiante, voltaremos brevemente ao tema tomando diretamente em consideração *As palavras e as coisas*.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969, p. 264-265.

<sup>5</sup> Idem ibidem, p. 266.

<sup>6</sup> LE BLANC, Guillaume. “Se moquer de la phénoménologie est encore faire de la phénoménologie?”. In: *Les Études philosophiques* 2013/3 (n° 106), p. 373.

<sup>7</sup> Idem ibidem, p. 379.

Le Blanc comete uma imprecisão quanto às datas, mas trata-se de algo que não invalida a pertinência de sua observação: com efeito, a introdução que Foucault redigirá para a tradução estadunidense de *O normal e o patológico*, intitulada simplesmente de “Introduction by Michel Foucault”, data de 1978. Mas ocorre que em 1984 uma outra versão desta mesma introdução, ligeiramente modificada e intitulada “La vie: l’expérience et la science”, reaparecerá na *Revue de métaphysique et moral* em um número especial consagrado a Canguilhem.<sup>8</sup> Para referir-se a esta persistência do diálogo foucaultiano com o husserlianismo e suas derivações, Le Blanc falará em um *motivo fenomenológico* na obra de Foucault, isto é, não o “indicador de uma verdade depositada de uma vez por todas” ou de uma obrigação com respeito à “fidelidade da leitura”, mas sim um “elemento que vale como material que pode ser utilizado em vários contextos, tramado em configurações diversas”.<sup>9</sup> É possível dizer, neste sentido, que Foucault esteve às voltas com a fenomenologia e sua herança – em graus diversos de intensidade – desde suas primeiras obras até suas últimas intervenções no debate intelectual (com destaque, evidentemente, para o período arqueológico de sua produção).

Contudo, Le Blanc percorrerá o *motivo fenomenológico* do pensamento foucaultiano tendo por fio condutor, em primeiro plano, o que ele chamará de “cena inaugural” das relações de Foucault com Husserl, representada pelo texto de introdução à *Sonho e existência* e pela demanda, nele presente, por uma teoria do ato significativo que pudesse complementar, com o auxílio de uma fenomenologia das significações, a psicanálise freudiana (que “desconhece o fato primordial de que a experiência onírica, tanto quanto outras expressões, deve se constituir como um linguagem para fazer emergir um conjunto de significações”<sup>10</sup>). Neste sentido, se o Foucault da introdução à *Sonho e existência* – um Foucault ainda “proto-arqueológico”<sup>11</sup> – recebe as *Investigações*

---

<sup>8</sup> Ambas foram republicadas no segundo volume da edição em dois volumes do *Dits et écrits* (Paris: Quarto Gallimard, 2011). Para efeito de nossa argumentação, nas considerações que se seguem utilizaremos indistintamente uma e outra das versões deste texto de apresentação da obra de Canguilhem, com as devidas referências bibliográfica indicadas em nota de rodapé.

<sup>9</sup> Idem ibidem, p. 375.

<sup>10</sup> Idem ibidem, p. 374.

<sup>11</sup> O termo é de autoria de Marcos Nalli, a quem devemos, no contexto da produção brasileira sobre a obra foucaultiana, o mais completo estudo das relações do Foucault dos anos 1950 e de *História da loucura* (1961) com a fenomenologia de Husserl. Por “proto-arqueologia”, Nalli compreende os textos que Foucault publicou nos anos anteriores à *História da loucura*. C.f. NALLI, Marcos. *Foucault e a fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 19.

*lógicas* de Husserl para ali saudar o advento de uma fenomenologia das significações que anunciaria, juntamente com *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud, “um esforço do homem para recuperar suas significações e se recuperar, ele próprio, na significação”<sup>12</sup>, trata-se também de indicar o quanto a fenomenologia foi mais longe do que a psicanálise em suas tarefa de pensar o ato significativo “para *além* e antes mesmo da expressão verbal ou da estrutura da imagem na qual toma forma”.<sup>13</sup> Donde a importância, para o Foucault de 1954, de fazer notar que já na primeira de suas *Investigações lógicas* Husserl estabelecerá uma distinção fundamental entre *índice* (“signo indicativo”) e *significação* (“signo significativo” ou “expressão”), permitindo, deste modo, a superação da incapacidade da técnica freudiana para dar conta da expressividade imanente à imagem em um registro anterior à análise representacional semântica.<sup>14</sup>

Desta perspectiva, Le Blanc desenvolve sua argumentação sobre as relações da obra de Foucault com a herança husserliana tendo em vista a persistência, na condição de *motivo*, da busca foucaultiana pela compreensão do ato significativo. Assim, argumenta Le Blanc, já em 1954 o ato significativo seria compreendido por Foucault em uma dimensão “culturalista” que o inscreveria no “mundo ambiente” (*monde ambiant*) e, nesta condição, renunciaria a preocupação futura da arqueologia em pensá-lo em um registro no qual ele estaria “investido nas palavras como um objeto de cultura”.<sup>15</sup> Ocorre que ao

---

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. “Introduction”. In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p. 97.

<sup>13</sup> “Não é legítimo admitir, com a psicanálise, uma identidade imediata entre o sentido e a imagem, reunidos na noção única de símbolo, mas é preciso buscar a essência do ato significativo para além e antes mesmo da expressão verbal ou da estrutura da imagem nas quais toma forma”. C.f. Idem ibidem, p. 104.

<sup>14</sup> Idem ibidem, p. 102-104. Compreende-se, neste sentido, o elogio que Foucault fará a Binswanger em sua apresentação de *Sonho e existência: a daseinanalyse* superaria as técnicas hermenêuticas de Freud e mesmo a fenomenologia de Husserl, – a quem devemos o mérito de haver buscado um ato de significação único anterior às estruturas das imagens e às expressões verbais, mas cuja obra acabara por não se desenvolver no sentido de uma teoria da expressão. Nas palavras do próprio Foucault: “Da confrontação entre Husserl e Freud nascia uma dupla problemática; era necessário um método de interpretação que restituísse, em sua plenitude, os atos de expressão. O caminho da hermenêutica não deveria se deter nos procedimentos de escritura que retém a psicanálise; ela deveria ir até o momento decisivo no qual a expressão se auto-objetifica nas estruturas essências da indicação; era necessário bem mais que uma verificação, era necessário um fundamento. Este momento fundamental no qual se estabelecem as significações, foi o que Binswanger tentou evidenciar em *Sonho e existência*”. C.f. Idem ibidem, p. 107.

<sup>15</sup> “Ora, deste ponto de vista Foucault jamais deixou de trabalhar na fenomenologia ou ao modo da fenomenologia, como um tecido de discursos ou como um motivo. Em particular, ele se empenhará em uma compreensão culturalista do ato significativo. Já na *Introdução* de *Sonho e existência* o ato

proceder deste modo, a despeito do interesse e da validade de sua tese, Le Blanc confere pouca atenção ao outro texto que serve de baliza para seu ensaio: justamente a introdução que Foucault escreverá para a tradução estadunidense de *O normal e o patológico* de Canguilhem, na qual tratava-se de acertar contas com a fenomenologia husserliana reavaliando seu impacto na cena filosófica francesa dos anos 1930 a partir de sua relação – em alguma medida, genética – com a epistemologia francesa. O que pretendemos, aqui, é explorar o flanco aberto por Le Blanc considerando o diálogo polêmico que Foucault travará com a herança fenomenológica primordialmente do ponto de vista de sua leitura da posição estratégica ocupada pela epistemologia francesa diante do legado fenomenológico, e da necessidade em promover a crítica às metafísicas da subjetividade que lhe são correlatas.

### **Das ambiguidades da herança fenomenológica: a epistemologia francesa como alternativa à fenomenologia**

*O estado de saúde, para o indivíduo,  
é a inconsciência de seu próprio corpo.*  
(Georges Canguilhem)

Ao que nos parece, Le Blanc tem razão ao evidenciar, na apresentação que Foucault redigirá para *Sonho e existência*, a presença de uma tensão entre o procedimento propriamente fenomenológico (e regressivo) de conceber o ato significativo como sendo idêntico a despeito da variabilidade cultural das palavras, das imagens, dos símbolos, e uma exploração dos contextos culturais nos quais ele se desdobra por meio e através de formas particulares da cultura.<sup>16</sup> Mas o *motivo fenomenológico* que atravessa a obra foucaultiana, se pode ser referido aos esforços de Foucault para “construir a série ato de significação – pertencimento a uma cultura – dissociação do enunciado e do visível”, não pode prescindir, igualmente, das relações que ligam Foucault à epistemologia francesa, considerada por ele na condição, a um só tempo, de prolongamento e de crítica ao tema fenomenológico. Assim, ao apresentar a obra de Canguilhem a um público estrangeiro, em sua introdução à tradução estadunidense de *O normal e o patológico*, Foucault

---

significativo é apreendido a partir do interior de uma cultura”. C.f. LE BLANC, “Se moquer de la phénoménologie est encore faire de la phénoménologie?”, p. 374.

<sup>16</sup> Idem ibidem.



sublinhará, nas célebres conferências pronunciadas por Husserl em fevereiro de 1929 em Paris, publicadas posteriormente sob o título de *Meditações cartesianas* (1931), não apenas o início da “filosofia contemporânea” na França, mas também a dupla leitura que se poderia fazer da própria fenomenologia, e que estaria na raiz comum de duas linhagens basilares do pensamento francês contemporâneo:

Sem desconhecer as clivagens que durante estes últimos anos, e desde o fim da guerra, puderam opor marxistas e não marxistas, freudianos e não freudianos, especialistas de uma disciplina e filósofos, universitários e não universitários, teóricos e políticos, me parece que se poderia perfeitamente encontrar uma outra linha divisória que atravessa todas estas oposições. Trata-se daquela que separa uma *filosofia da experiência, do sentido, do sujeito* e uma *filosofia do saber, da racionalidade e do conceito*. De um lado, uma filiação que é aquela de [Jean-Paul] Sartre e de [Maurice] Merleau-Ponty; e uma outra, que é aquela de [Jean] Cavaillès, de [Gaston] Bachelard e de Canguilhem. Em outros termos, trata-se de duas modalidades segundo as quais retomou-se, na França, a fenomenologia – quando bem tardiamente, nos anos 1930, ela enfim começou a ser, senão conhecida, ao menos reconhecida. A filosofia contemporânea, na França, debuta por esses anos. As *Méditations cartésiennes*, pronunciadas em 1929, traduzidas e publicadas em 1931, marcam este momento: a fenomenologia penetra na França através deste texto; mas ele permite duas leituras: uma que vai na direção de uma filosofia do sujeito – é o artigo de Sartre sobre “*La transcendance de l’ego*”, em 1935; e uma outra, que remontará em direção aos problemas fundadores do pensamento de Husserl, os do formalismo e do intuicionismo, os da teoria da ciência – e aqui se encontram, em 1938, as duas teses de Cavaillès sobre o *Méthode axiomatique* e a *Formation de la théorie des ensembles*. Quaisquer que tenham podido ser, em seguida, os deslocamentos, as ramificações, as interferências e mesmo as aproximações, essas duas formas de pensamento constituíram, na França, duas tramas que permaneceram profundamente heterogêneas.<sup>17</sup>

Portanto, as *Meditações cartesianas* de Husserl representam um divisor de águas que permitiria lançar uma outra perspectiva sobre a série de divisões e clivagens do pensamento francês à época. A questão passa a ser, então, a do lugar ocupado pela epistemologia francesa diante da herança da fenomenologia husserliana. E aqui temos o cerne do diagnóstico de Foucault a respeito do impacto e do legado de longo prazo proporcionadas pela recepção da fenomenologia na França da primeira metade do século XX: ao passo que alguns procuravam no sentido e nas vivências intencionais as operações doadoras de um sujeito para o qual a “consciência” consistiria, segundo o jargão heideggeriano, em seu *ser-no-mundo* – trata-se da ascendência que nos leva de Husserl

---

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. “Introduction par Michel Foucault”. In: *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p. 430.

ao existencialismo francês –, outros faziam avançar, no seio mesmo de uma investigação epistemológica realizada ao modo de uma história das ciências, a crítica ao projeto de constituição de uma *Wissenschaftslehre*, quer dizer, das próprias pretensões científicas do saber como expressão de uma auto-objetivação da razão, – desaguando em uma outra ascendência, que nos leva do mesmo Husserl até a teoria da ciência e a epistemologia francesas. A argúcia de Foucault, neste sentido, está em compreender o quanto esta corrente epistemológica francesa deriva de um movimento de recuperação dos problemas fundadores da própria fenomenologia: como vimos, aqueles do *formalismo*, do *intuicionismo* e de uma *teoria da ciência*, presentes já nas *Investigações lógicas* de Husserl.<sup>18</sup>

Assim, por exemplo, em uma entrevista datada de 1980 Foucault se refere uma vez mais ao tema das relações da fenomenologia com a epistemologia francesa (ou com a história das ciências) para pontuar, no interior da própria fenomenologia, a ocasião de uma ambiguidade derivada do próprio husserlianismo:

Todo um lado da fenomenologia aparecia claramente como um questionamento da ciência em seu fundamento, em sua racionalidade, em sua história. Os grandes textos de Husserl, de [Alexandre] Koyrè, formavam a outra via da fenomenologia, oposta à fenomenologia mais existencial, do vivido... Sob diversas maneiras, a obra de Merleau-Ponty tentava reunir os dois aspectos da fenomenologia. /.../ Todo este amálgama de problemas e este campo de investigação levava a uma interrogação sobre a ciência e sua história. *Em que medida esta história podia contestar ou manifestar seu fundamento absoluto em racionalidade?* Era a questão que a história das ciências fazia à fenomenologia.<sup>19</sup>

*Mutatis mutandis*, sabemos que os problemas mencionados acima também frequentarão a obra de Foucault, em um jogo de influências que, sobretudo em sua fase

---

<sup>18</sup> A propósito dos problemas fundadores da fenomenologia de Husserl, convém lembrar que as *Investigações lógicas* se constituem inicialmente como uma reação ao chamado “psicologismo” na lógica, isto é, um conjunto de teorias que, tributárias do empirismo naturalista do século XIX, buscavam reduzir a idealidade das formas lógicas ao fenômeno psicológico, individual e contingente do próprio pensar. Assim, na medida em que a posição psicologista remetia a validade dos princípios lógicos (que são da ordem da *necessidade*) à esfera *extra-lógica*, ou empírica, dos fatos reais (e *contingentes*) de nossa organização psíquica, ameaçava contaminar com seu relativismo o fundamento *a priori* da lógica, reduzindo o ser ideal do conteúdo da proposição ao ser real da emissão do juízo e, portanto, desconsiderando a “fundamental diferença entre os objetos ideais e os reais, e a correspondente diferença entre leis ideais e leis reais”. C.f. HUSSERL, Edmund. *Investigaciones lógicas*, 1. Versión de Manuel G. Morente y José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999, p. 86. Neste sentido, Husserl acusará de psicologismo o empirismo inglês e seus proponentes, tais como John Stuart Mill, e grande parte dos lógicos alemães e psicólogos como Wilhelm Wundt e Theodor Lipps. C.f. Idem ibidem, p. 118.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. “Entretien avec Michel Foucault”. In: *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p. 872 (*grifo nosso*).



arqueológica, inclui boa parte da constelação de autores associada habitualmente à reflexão sobre as ciências na França contemporânea. Nomes como Koyrè, Bachelard, Canguilhem, formaram, entre outros, uma ambiência de pensamento fecunda para o futuro autor de *As palavras e as coisas*. Neste sentido, considerada de uma perspectiva que a coloca à contra luz das pretensões racionalistas da fenomenologia de Husserl, caberia afirmar, como faz Lebrun, que teria sido *contra* a reflexão racionalista sobre as ciências que a epistemologia pôde se estabelecer em sua “idade adulta”, evidenciando o fato de que a racionalidade de determinado saber se enraíza em um sistema autóctone de decisões e escolhas exteriores às pretensões de uma *ratio* que pudesse remetê-las a uma racionalidade anterior à própria prática científica.<sup>20</sup> Bastaria, neste sentido, fazer atenção às palavras de Bachelard, citadas de modo paradigmático por Canguilhem em seus *Estudos da história da filosofia e das ciências*: “A aritmética não está fundada na razão. É a doutrina da razão que está fundada na aritmética elementar”.<sup>21</sup> E se a própria fenomenologia, cumprindo uma de suas vocações, acabará por ligar-se à questão moderna por excelência, àquela que seria desvelada pelo Kant do opúsculo *Was ist Aufklärung?* – texto que pela primeira vez interrogara o pensamento racional não apenas a respeito de sua natureza, mas igualmente a respeito de seus “poderes e direitos”, de sua “história e de sua geografia” –, isso se deveu ao fato de que também Husserl, a certa altura de sua trajetória (precisamente: nas *Meditações* e em sua *Krisis*), se verá impelido a colocar-se a questão, que será desenvolvida de forma plena e sem ambiguidades pela epistemologia francesa, a respeito das “relações entre o projeto ocidental de um desenvolvimento universal da razão, a positividade das ciências e a radicalidade da filosofia”.<sup>22</sup>

Para Foucault, portanto, tratava-se de compreender o desafio capital lançado pela epistemologia francesa contra as pretensões de uma filosofia – a fenomenologia – que poderia ser descrita, em suas ambiguidades, como a “última grande tentativa” de constituição de um corpo doutrinário com pretensões “absolutamente universalistas”,

---

<sup>20</sup> “E, agora, reportemo-nos à Introdução de Husserl à *Lógica formal e transcendental*. É neste texto pomposo, mas instigante, que venho pensando até aqui ao procurar determinar *esse contra quem* a epistemologia teria podido atingir a idade adulta”. C.f. LEBRUN, Gérard. “A ideia de epistemologia”. In: *A filosofia e sua história*. Organização de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Maria Lúcia M. O. Cacciola, Marta Kawano. São Paulo: Cosac Naif, 2006, p. 143.

<sup>21</sup> BACHELARD *apud* CANGUILHEM, Georges. “Dialectique et philosophie du non chez Gaston Bachelard” In: *Études d’histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1970, p. 200.

<sup>22</sup> FOUCAULT, “Introduction par Michel Foucault”, p. 432.

quer dizer: uma reflexão que busca repensar “nosso universo de conhecimentos em função e em relação a um sujeito transcendental”.<sup>23</sup> É contra as pretensões de uma razão totalizadora e de seu correlato fundacional no sujeito universal (forma invariável da apercepção sintética do objeto em geral) que o método arqueológico (recolhendo, entre outras, a lição da epistemologia francesa) se lançará: trata-se de retirar do discurso o “direito exclusivo e instantâneo à soberania do sujeito”.<sup>24</sup>

Assim sendo, ao destacar, em 1978, para um público estrangeiro, a centralidade da obra de Canguilhem no cenário de debates da França contemporânea, Foucault terá em vista justamente o desenvolvimento de uma linha de investigação que decorre da própria fenomenologia, mas a supera em direção a uma epistemologia para a qual a ciência não está diante do dado ou da experiência originária (a propósito dos quais verificar-se-ia uma teoria), mas de um remanejamento constante do campo de seus objetos a partir da “produção” de um mundo à imagem da “razão”. Assim, se a “fenomenologia demandava ao ‘vivido’ o sentido originário de todo ato de conhecimento”, Canguilhem, debruçando-se sobre a análise das chamadas “ciências da vida” (biologia, anatomia e fisiologia), procurava-o “do lado do próprio vivente”;<sup>25</sup> e se a “fenomenologia podia muito bem introduzir em seu campo de análise o corpo, a sexualidade, a morte, o mundo percebido”, e ainda assim o “*Cogito* [lhe] permaneceria central”, em Canguilhem, por outro lado, essa mesma filosofia do vivido, do sentido e do sujeito encontrava a *oposição* de uma “filosofia do erro, do conceito e da vida” para a qual, com efeito, o problema das relações entre o sujeito, a verdade e o conhecimento remetiam à presença do valor e da norma considerados em sua relação com a *errância da vida*.<sup>26</sup> Ora, nestas condições, pergunta-se Foucault, “será que toda a teoria do sujeito não deve ser reformulada, já que o conhecimento, mais do que se abrir à verdade do mundo, se enraíza nos erros da vida?”.<sup>27</sup> Daí que a apresentação à tradução estadunidense de *O normal e o patológico*, nos quadros de uma contraposição entre o vivido fenomenológico e um vitalismo para o qual a

---

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michel. “Qui êtes-vous, professeur Foucault?”. In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p. 640.

<sup>24</sup> FOUCAULT, *L'archéologie du savoir*, p. 272.

<sup>25</sup> FOUCAULT, “Introduction par Michel Foucault”, p. 440.

<sup>26</sup> Idem ibidem, p. 441-442.

<sup>27</sup> Idem ibidem, p. 442.

normatividade da vida é uma posição de *valor*<sup>28</sup>, venha a aproximar Nietzsche e Canguilhem:

Nietzsche dizia da verdade que ela era a mais profunda mentira. Canguilhem diria talvez, ele que está ao mesmo tempo afastado e próximo de Nietzsche, que ela é, no enorme calendário da vida, o mais recente erro; diria que a dicotomia verdadeiro-falso e o valor atribuído à verdade constituem a maneira mais singular de viver que foi inventada por uma vida que, do âmago de sua origem, trazia em si a eventualidade do erro. O erro é, para Canguilhem, a contingência permanente em torno da qual se desenrola a história da vida e aquela dos homens.<sup>29</sup>

Se a vida “desconcerta a lógica”, como pretende ainda Canguilhem, é porque ela deve ser compreendida como “atividade de oposição à inércia e à indiferença”.<sup>30</sup> E talvez fosse possível supor que a noção de “erro” – os “erros da vida”, a *errância* –, em registro análogo ao que se encontra na epistemologia de Canguilhem, tenha percorrido silenciosamente as investigações foucaultianas a ponto de permitir a ideia (comum à arqueologia e à genealogia) de uma multiplicidade não totalizável da experiência histórica, não passível de unidade nem fundação transcendental (no mesmo sentido que, em um artigo consagrado à genealogia nietzschiana, Foucault falará em uma “proliferação milenar do erro” ou em uma “história do erro que tem o nome de verdade”).<sup>31</sup> Ou ainda, como dirá Foucault referindo-se diretamente às obras de Bachelard e Canguilhem: a *história epistemológica das ciências* “é necessariamente escandida pela oposição verdade e erro, racional e irracional, obstáculo e fecundidade, pureza e impureza, científico e não científico”.<sup>32</sup> Daí que uma tal epistemologia, como notara ainda Althusser, deve

---

<sup>28</sup> Nas palavras do próprio Canguilhem, deslocando a soberania do sujeito do conhecimento a partir da especificidade da vida biológica e de sua normatividade: “para um ser vivo, o fato de reagir por uma doença a uma lesão, a uma infestação, a uma anarquia funcional, traduz um fato fundamental: é que a vida não é indiferente às condições nas quais ela é possível, que a vida é polaridade e, por isso mesmo, posição inconsciente de valor, em resumo que a vida é, de fato, uma atividade normativa. Em filosofia, entende-se por normativo qualquer julgamento que aprecie ou qualifique um fato em relação a uma norma, mas essa forma de julgamento está subordinada, no fundo, àquele que institui as normas. No pleno sentido da palavra, normativo é o que institui as normas. E é neste sentido que propomos falar sobre uma normatividade biológica. Julgamos estar tão atentos quanto quaisquer outros para não sucumbirmos à tendência de cair no antropomorfismo. Não emprestamos às normas vitais um conteúdo humano, mas gostaríamos de saber como é que a normatividade essencial à consciência humana se explicaria se, de certo modo, já não estivesse, em germe, na vida.”. C.f. CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 48.

<sup>29</sup> FOUCAULT, “Introduction par Michel Foucault”, p. 441.

<sup>30</sup> CANGUILHEM, *O normal e o patológico*, p. 107.

<sup>31</sup> FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: MACHADO, R (org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976, p. 19.

<sup>32</sup> FOUCAULT, *L'archéologie du savoir*, p. 248.

“conhecer o trabalho real de uma ciência” em lugar de ater-se ao ideal de uma racionalidade *contínua*, “sem rupturas, sem paradoxos, sem distanciamentos, sem saltos”.<sup>33</sup> Ao mesmo tempo, compreende-se aqui o alcance que Foucault pretendia dar ao impacto e ao jogo de influências proporcionadas pela obra de Canguilhem (tanto quanto habitualmente se supõem que teriam sido as influências e o impacto proporcionadas pela fenomenologia husserliana):

retirem Canguilhem e vocês não compreenderam grande coisa de Althusser, do althusserianismo e de toda uma série de discussões que ocorreram entre os marxistas franceses; não compreenderão mais o que há de específico em sociólogos como [Pierre] Bourdieu, [Robert] Castel, [Jean-Claude] Passeron, bem como aquilo que os marca tão fortemente no campo da sociologia; lhes faltará todo um aspecto do trabalho teórico feito pelas psicanálises e, em particular, pelos lacanianos. Mais: em todo o debate de ideias que precedeu ou se seguiu ao movimento de 1968, é fácil encontrar o lugar daqueles que, de perto ou de longe, foram formados por Canguilhem.<sup>34</sup>

Assim, evocando o nome de Canguilhem, mas também o de Cavailles e Bachelard, Foucault parece querer instalar-se no interior de um pensamento *efetivamente contemporâneo*, representado por uma filosofia do conceito que, advinda das bases mesmas do husserlianismo, acabara por reunir-se à interrogação kantiana sobre *Aufklärung*, endereçando seus questionamentos a uma razão que se pretende universal mas desenvolve-se na contingência; que valida a si mesma e não pode ser dissociada das práticas que institucionalizam nossos modos de vida social.<sup>35</sup>

### **Foucault *contra* Husserl: o diagnóstico do esgotamento do tema transcendental e o mote anti-fenomenológico**

*nós reexaminamos a ideia husserliana segundo a qual existe, por toda parte, um sentido que nos envolve e já nos investe (Michel Foucault).*

Temos, portanto, o seguinte cenário para a compreensão de uma ambiguidade nascente no cerne da própria fenomenologia (a julgar pela avaliação de Foucault): se de

---

<sup>33</sup> ALTHUSSER, Louis. “A filosofia das ciências de Georges Canguilhem”. In: CANGUILHEM, *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 139.

<sup>34</sup> FOUCAULT, “Introduction par Michel Foucault”, p. 429-430.

<sup>35</sup> FOUCAULT, Michel. “La vie: l’expérience et la science”. In: *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001, p. 1586.

um lado os problemas fundadores do husserlianismo ainda estavam hipotecados à pergunta pela possibilidade do conhecimento objetivo em uma fenomenologia da razão que “investiga o sistema completo dos atos de consciência possível”<sup>36</sup> (daí sua derivação, entre outras, nas filosofias do sujeito de Sartre e Merleau-Ponty, ainda que se tratem de filosofias com especificidades bastante acentuadas), de outro, em face da herança fenomenológica os problemas postos pela epistemologia nos debates teóricos que se seguiram à recepção de Husserl na França pareciam constituir uma via alternativa ao esgotamento do próprio tema transcendental. Nestes termos, o aporte da epistemologia francesa para o pensamento foucaultiano será decisivo, na medida em que, estabelecida contra as pretensões racionalistas subsistentes na fenomenologia husserliana, não se tratava, para a corrente epistemológica, da formulação de uma “teoria geral de toda a ciência e de todo o enunciado científico possível” (com sua tendência a articular as condições da racionalidade científica a uma análise transcendental das formas do sujeito fundador), mas sim, como vimos, da “busca da normatividade interna às diferentes atividades científicas, tal como elas efetivamente foram implantadas”.<sup>37</sup> É neste sentido que a epistemologia é “outra coisa que a simples reprodução dos esquemas internos de uma ciência em um dado momento”, mas sim, e antes de tudo, uma *démarche* que implica a “elaboração de análises ‘descontinuistas’” nas quais se elucida a “relação história das ciências/epistemologia”.<sup>38</sup> E é também nesta direção que se pode dizer que a arqueologia trata de “desdobrar os princípios e as consequências de uma transformação autóctone que

---

<sup>36</sup> Como se sabe, uma pretensão advinda da afirmação da consciência como sendo *intencional*: “Consciência é precisamente consciência ‘de’ algo, é de sua essência abrigar em si o ‘sentido’, a quinta-essência, por assim dizer, de ‘alma’, de ‘espírito’, de ‘razão’. Consciência não é uma designação para ‘complexos psíquicos’, /.../ mas é ‘consciência’ de ponta a ponta, fonte de toda razão e desrazão, de toda legitimidade e ilegitimidade, de toda realidade e ficção, de todo valor e não-valor, de toda ação e inação”. C.f. HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias e Letras, 2006, p. 197. E será precisamente aqui, em suas *Ideen*, que pela primeira vez a fenomenologia será apresentada por Husserl como uma “filosofia transcendental”: “o que é distintivamente próprio da fenomenologia é abranger, na amplitude de sua generalidade eidética, tudo o que é imediatamente evidente em todos os conhecimentos e ciências, ou ao menos teriam de sê-lo, caso fossem conhecimentos autênticos. O sentido e a legitimidade de todos os pontos de partida imediatos possíveis e de todos os passos imediatos dentro de um método possível entram na sua esfera de atuação. /.../ Como fenomenologia aplicada, ela faz, portanto, a crítica que afere o valor último de toda ciência em sua especificidade de princípio /.../. O primeiro a enxerga-la mesmo foi Kant, cujas maiores intuições só nos serão de todo compreensíveis quando tivermos conseguido trazer à plena clareza de consciência aquilo que é peculiar ao domínio fenomenológico”. C.f. Idem ibidem, p. 141.

<sup>37</sup> FOUCAULT, “Introduction par Michel Foucault”, p. 437.

<sup>38</sup> Idem ibidem.

está em vias de se realizar no domínio do saber histórico”.<sup>39</sup> Ora, no campo propriamente dito de uma teoria das ciências, tal transformação se faz sentir por meio justamente desta epistemologia francesa para a qual não se tratava de procurar a unidade de uma história que pudesse permanecer como o lugar das continuidades ininterruptas – o tempo aí sendo concebido em termos de totalização, aos moldes de uma *Weltgeschichte* ou uma história teleologicamente orientada –, mas sim de “detectar a incidência das interrupções”, os limiares epistemológicos, os deslocamentos dos conceitos e sua dimensão operativa.<sup>40</sup>

Portanto, tratava-se do reconhecimento de uma historicidade radical da razão que não apenas inviabilizava a postulação de uma lógica geral de cientificidade, mas, sobretudo, considerando a ciência como uma atividade de produção regional de *normatividade*, mostrava-se, como notara Lebrun, bastante à vontade diante do diagnóstico de declínio dos saberes efetuado por Husserl na *Krisis* (segundo o qual as ciências modernas, transformadas em “técnicas teóricas”, teriam perdido seu enraizamento em uma razão que as unificasse).<sup>41</sup> Ocorre que com a epistemologia francesa – e sua ênfase na descontinuidade dos processos de reordenamento do saber – “ciência e razão pura não mais se sobrepõem”.<sup>42</sup> Em lugar da busca por uma *Erkenntnistheorie* na qual o sujeito é chamado a desempenhar um papel fundacional,

---

<sup>39</sup> FOUCAULT, *L'archéologie du savoir*, p. 25.

<sup>40</sup> Daqui a referência direta, em *A arqueologia do saber*, feita ao modo de um diagnóstico de época, às obras de Bachelard e Canguilhem: “*Atos e liminares epistemológicos* descritos por G. Bachelard: suspendem o acúmulo indefinido dos conhecimentos, quebram sua lenta maturação e os introduzem em um tempo novo, os afastam de sua origem empírica e de suas motivações iniciais, e os purificam de suas cumplicidades imaginárias; prescrevem, desta forma, para a análise histórica, não mais a pesquisa dos começos silenciosos, não mais a regressão sem fim em direção aos primeiros precursores, mas a identificação de um novo tipo de racionalidade e de seus efeitos múltiplos. *Deslocamentos e transformações dos conceitos*: as análises de G. Canguilhem podem servir de modelo, pois mostram que a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração”. C.f. *Idem ibidem*, p. 11.

<sup>41</sup> “Leiamos novamente essas páginas apocalípticas [retiradas da *Krisis*]: transformadas em ‘técnicas teóricas’, nossas ciências modernas perderam a grande crença que as unificava, assim como seu enraizamento na razão teórica. Vejam, nos diz em suma Husserl, de que naufrágio niilista a fenomenologia, e somente ela, é capaz de salvá-los *in extremis*. Ora, ocorre que nossa época não mais compreende que interesse teria essa salvação. E o destino atual da palavra *epistemologia* não é justamente um sinal dessa despreocupação? A ‘epistemologia’ – bem o sabemos – está bastante em voga para que muita mistificação tenha sido e continue sendo cometida em seu nome. Mas de nada adianta zombar de uma moda; é preciso interrogá-la, pois o fato dela ter sido adotada é sempre instrutivo. Ora, essa moda, parece-me, indica que estamos bem à vontade diante do ‘declínio’ diagnosticado por Husserl”. C.f. LEBRUN, “A ideia de epistemologia”, p. 143.

<sup>42</sup> *Idem ibidem*, p. 136.



abre-se todo um flanco de trabalho dirigido à análise e exposição do saber a partir dos processos anônimos e descontínuos que constituem a rede cerrada e o sistema constringente de uma dada cultura, com o remanejamento histórico incessante das posições que o sujeito e o objeto veem a ocupar nos recortes do pensável e do enunciável. Nas palavras do Foucault de *A arqueologia do saber*, era necessário pôr em questão a “história contínua”, uma vez que ela “é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito”.<sup>43</sup>

Com efeito, Foucault se servirá exatamente deste mote *anti-racionalista e anti-fenomenológico* do esgotamento das tentativas *pós-kantianas* de remissão das ciências à racionalidade homogênea que as unificasse para explorar, em suas críticas à fenomenologia, um processo de “laicização” da razão que atingiria as intenções fundacionais subjacentes ao pensamento de Husserl (bem como as necessárias metafísicas do sujeito que o acompanham). Assim, por exemplo, ao circunscrever a ambiência epistêmica da fenomenologia em *As palavras e as coisas*, Foucault insistirá em seu aspecto regressivo e na ilusão transcendental que alimenta as pretensões do husserlianismo e o (re)inscreve no jogo das remissões incessantes entre o transcendental e o empírico. Nesta medida, se no século XIX, a julgar pela arqueologia desenvolvida em *As palavras e as coisas*, as duas manifestações mais exemplares do destino das filosofias pós-kantianas foram o empreendimento fichtiano (no qual tratava-se de deduzir a totalidade do domínio transcendental a partir das leis puras, universais e vazias do pensamento) e a fenomenologia hegeliana (para a qual a totalidade do domínio empírico deveria ser retomada no interior de uma consciência que se revelasse a si mesma como *espírito*, quer dizer, como campo ao mesmo tempo empírico e transcendental)<sup>44</sup>, resta que a fenomenologia husserliana é o prolongamento de ambas na medida em que se apresenta ora como uma reflexão pura suscetível de *fundar*, ora como uma retomada da empiricidade capaz de *desvelar*:

Vê-se de que modo a tarefa fenomenológica, em que Husserl bem mais tarde se fixará, está ligada, no âmago de suas possibilidades e de suas impossibilidades, ao destino da filosofia ocidental tal como ele se estabeleceu desde o século XIX. Com efeito, ela tenta assentar os direitos e os limites de uma lógica formal numa reflexão de tipo transcendental e, por outro lado, ligar

<sup>43</sup> FOUCAULT, *L'archéologie du savoir*, p. 32.

<sup>44</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 341.

a subjetividade transcendental ao horizonte implícito dos conteúdos empíricos que só ela tem possibilidade de constituir, manter e abrir mediante explicitações infinitas. /.../ Sem dúvida, não é possível conferir valor transcendental aos conteúdos empíricos nem deslocá-los para o lado de uma subjetividade constituinte, sem dar lugar, ao menos silenciosamente, a uma antropologia, isto é, a um modo de pensamento em que os limites de direito do conhecimento (e, conseqüentemente, de todo saber empírico) são ao mesmo tempo as formas concretas da existência, tais como elas se dão precisamente nesse mesmo saber empírico.<sup>45</sup>

Em outro sentido, em uma entrevista concedida a Sérgio Paulo Rouanet e José Guilherme Merquior, datada de 1971, Foucault retoma a problemática da idealidade das formas puras da geometria para evidenciar a tarefa do pensamento de Husserl como sendo aquela de uma busca pela possibilidade de enraizar efetivamente – ou seja, no nível da intuição pura e apodítica de um sujeito – uma ciência que se desenvolveria segundo um certo número de “princípios formais até certo ponto vazios”: para que a “certeza de uma verdade geométrica”, por exemplo, possa surgir em um ponto preciso do *corpus* de proposições e do tempo histórico das geometrias que se sucedem é preciso haver uma intuição puramente local e regional no interior de uma geometria propriamente formal ou é necessária uma espécie de intuição que reafetue em sua totalidade o projeto da geometria, atualizando-o na intelecção dos “geômetras que se sucedem uns aos outros”?<sup>46</sup> “Este era o problema de Husserl”, dirá Foucault: “sempre, em consequência, o problema do sujeito e de suas conexões”.<sup>47</sup> E no entanto,

Desde o fim do século XIX, já sabemos que a matemática tem, nela mesma, uma estrutura que não é somente aquela da reprodução ou sedimentação dos processos psicológicos reais; teríamos dito, no tempo de Husserl, que se trata de uma transcendência de idealidade matemática com relação ao vivido da consciência. Mas a própria existência da matemática – ou, de modo mais geral, a própria existência das ciências – é a existência da linguagem, dos discursos. Essa existência – hoje [1971], já começamos a perceber – não tem necessidade de uma série de fundadores, que teriam produzido um certo número de transformações em virtude de suas descobertas, de seus gênios, de seus modos de conceber as coisas. /.../ É preciso, portanto, desapropriar a consciência humana não somente das formas de objetividade que garantiriam a verdade, mas também das formas de historicidade nas quais nosso *devenir* é aprisionado.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> Idem ibidem, p. 341-342.

<sup>46</sup> FOUCAULT, “Entretien avec Michel Foucault”, p. 1033.

<sup>47</sup> Idem ibidem.

<sup>48</sup> Idem ibidem, pp. 1033-1034.

Ora, se Husserl nos convidara a promover a análise das *significações imanentes ao vivido*, Foucault, de sua parte, ao deixar-se influenciar pela orientação geral da epistemologia francesa (em seu diálogo polêmico com a fenomenologia), proporcionamos um outro viés de interrogação, pautado pelas condições formais e historicamente discursivas de *aparecimento do sentido*: “nós reexaminamos a ideia husserliana segundo a qual, por toda parte, existe um sentido que nos envolve e que já nos investe, antes mesmo de abrirmos os olhos e tomarmos a palavra”.<sup>49</sup> Tomando a questão em sua perspectiva mais geral, digamos o seguinte: de Husserl a Foucault, passamos da *experiência vivida* à *historicidade das formas da experiência*; e isso segundo um método – a arqueologia – que, suficientemente informado pela crítica radical ao sujeito fundador e ao projeto ocidental de desenvolvimento da razão, terá por finalidade explorar os vínculos entre o pretense fundamento positivo da racionalidade científica (segundo o papel exercido pelo tema transcendental em nossa cultura de pensamento) e as condições históricas e práticas do desenvolvimento do saber e de sua normatividade reguladora.

---

<sup>49</sup> FOUCAULT, “Qui êtes-vous, professeur Foucault?”, p. 630.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. “A filosofia das ciências de Georges Canguilhem”. In: CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CANGUILHEM, Georges. “Dialectique et philosophie du non chez Gaston Bachelard” In: *Études d’histoire et de philosophie des sciences*. Paris: Vrin, 1970.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *L’archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

\_\_\_\_\_. “Introduction”. In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. “Introduction par Michel Foucault”. In: *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. “Entretien avec Michel Foucault”. In: *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. “Qui êtes-vous, professeur Foucault?”. In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: MACHADO, R (org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.

\_\_\_\_\_. “La vie: l’expérience et la science”. In: *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HUSSERL, Edmund. *Investigaciones lógicas, I*. Trad. Manuel G. Morente y José Gaos. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

LE BLANC, Guillaume. “Se moquer de la phénoménologie est encore faire de la phénoménologie?”. In: *Les Études philosophiques* 2013/3 (n° 106), 373-381.

LEBRUN, Gérard. “Note sur la phénoménologie dans *Les mots et les choses*”. In: *Michel Foucault philosophe*. Rencontre Internationale, 9, 10, 11 janvier 1988. Paris: Seuil, 1989.

\_\_\_\_\_. “A ideia de epistemologia”. In: *A filosofia e sua história*. Organização de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Maria Lúcia M. O. Cacciola, Marta Kawano. São Paulo: Cosac Naif, 2006.

NALLI, Marcos. *Foucault e a fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2006.

VEYNE, Paul. “Foucault révolutionne l’histoire”. In: *Comment on écrit l’histoire*. Paris: Seuil, 1978.